

## Cartografias potenciais: praticar visualização especulativa

*Potential cartographies: practicing speculative visualization*

Luiza Proença

 0000-0002-3496-839X  
proenca.ml@gmail.com

*Terra forma: a book of speculative maps*

Frédérique Aït-Touati, Alexandra Arènes, Axelle Grégoire

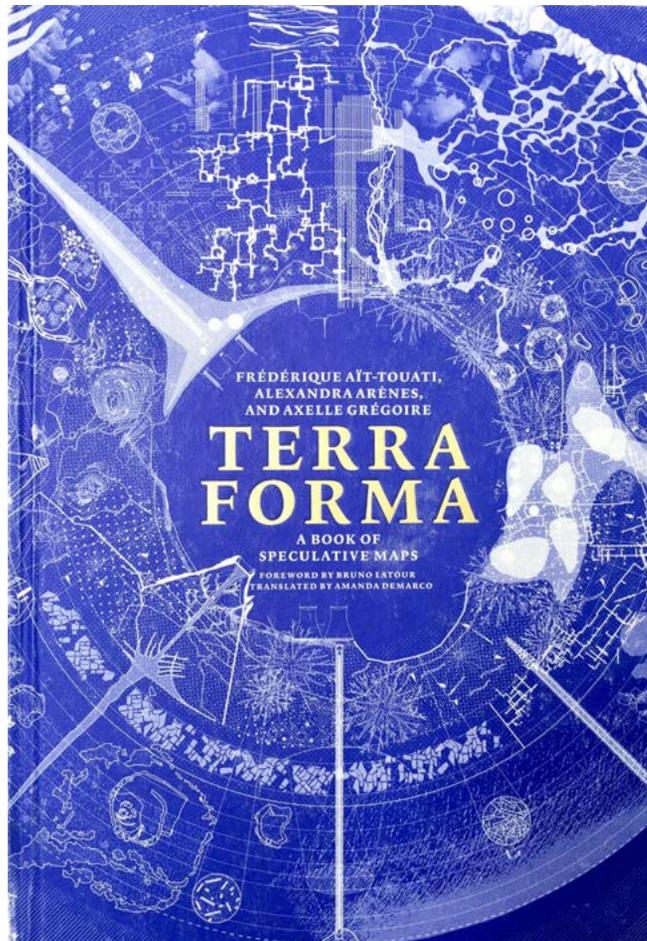
Cambridge, Massachusetts/London: The MIT Press, 2022

Tradução de Amanda DeMarco do original *Terra forma: manuel de cartographies potentielles*, Paris: Éditions B42, 2019

Figura 1

Capa do livro *Terra forma*

Foto Luiza Proença



Há algumas décadas, artistas têm usado a cartografia para problematizar a maneira dominante pela qual nos relacionamos com espaço e tempo, resultante da imaginação estética moderna e colonial. Em grande parte, desconstruem e reelaboram mapas tradicionais (e também bandeiras e outros símbolos), evidenciando as representações visuais universais, abstratas e globalizantes que sustentam Estados-nação e sistemas socioeconômicos opressores. O foco de Frédérique Aït-Touati, Alexandra Arènes e Axelle Grégoire em *Terra forma: a book of speculative maps* [em tradução livre, *Terra forma: um livro sobre mapas especulativos*], no entanto, não está no comentário crítico sobre representações geopolíticas existentes e centralizado em relações de poder humanas, mas na invenção de instrumentos e métodos cartográficos alternativos que possam nos reorientar nos assombros da crise climática planetária. Enquanto exercício de *visualização especulativa*, seguindo expressão das autoras, *Terra forma* é um inédito e dedicado trabalho de *contracartografia* unindo arte, *design*, arquitetura, geociências e filosofia para esboçar uma série de novos mapas terrestres que, como consequência, implica uma nova política de espaço e tempo – afinal, “como você compreende ‘onde’ você está, irá definir que tipo de política você sustenta”<sup>1</sup> (p. 8).

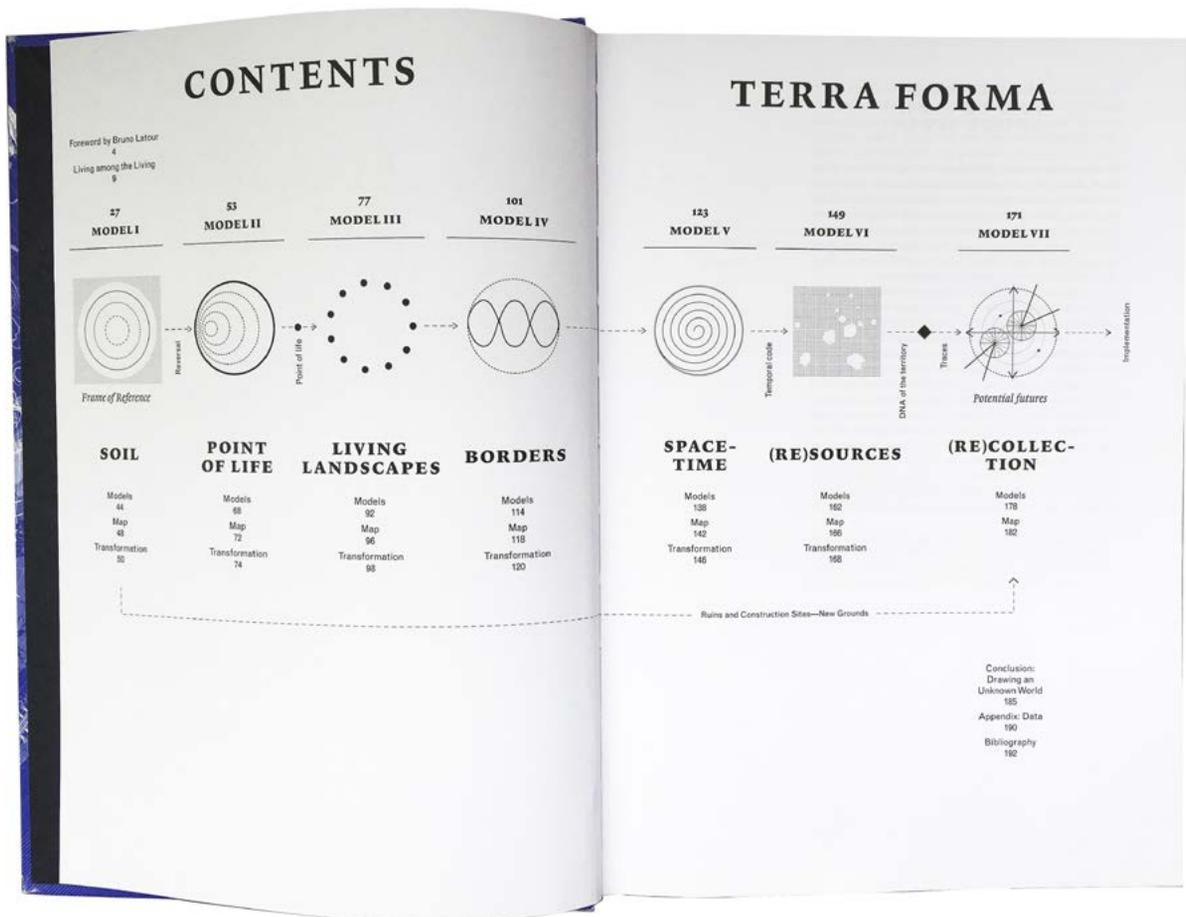
O livro-obra é resultado da união das habilidades técnicas e saberes particulares das autoras-artistas-cartógrafas em esforço de “redescobrir a Terra que nós pensamos que conhecemos tão bem”<sup>2</sup> (p. 9). Arènes e Grégoire são arquitetas paisagistas que trabalharam durante muitos anos em projetos de reabilitação de territórios danificados até cofundarem a Société d’Objets Cartographiques (SOC) em 2016, uma plataforma para repensar o papel da arquitetura e do *design* no Antropoceno. Aït-Touati é historiadora da literatura e ciências modernas, interessada em instrumentos científicos e nas narrativas da astronomia; como diretora de teatro e fundadora da companhia Zone Critique, tem desenvolvido vários trabalhos em torno de questões ecológicas, como a *Trilogie Terrestre* [Trilogia Terrestre], série de palestras-performances em colaboração

<sup>1</sup> Nessa e nas demais citações do livro a tradução é minha. No original em inglês: *how you understand ‘where’ you are will define what sort of politics you are going to sustain.*

<sup>2</sup> No original em inglês: *Following in the footsteps of the Renaissance travelers who set out to map the terra incognita of the New World, we are endeavoring five centuries later to discover a new Earth, or rather to rediscover, in a new way, the Earth we think we know so well.*

com o filósofo Bruno Latour. Trabalhando conjuntamente, as cartógrafas de *Terra forma* procuram se afastar do ritmo, postura e tom dos exploradores da Era dos Descobrimentos e daquele que seria o “arquiteto-construtor” moderno, operando em termos de visibilidade, símbolos e marcas para designar territórios, organizar espaços ou produzir monumentos. Elas se guiam pelas *artes da atenção*, expressão emprestada de Anna Tsing para encorajar a observação ou escuta minuciosa das composições polifônicas de um território. Interessadas em registrar as “danças das coisas vivas” no espaço, elas preferem se autodenominar *arquitetas-coreógrafas* (p. 20), criando ferramentas potenciais de orientação que possam ser compartilhadas e reelaboradas.

Figura 2  
Títulos dos sete modelos-capítulos no índice de *Terra forma*  
Foto Luiza Proença

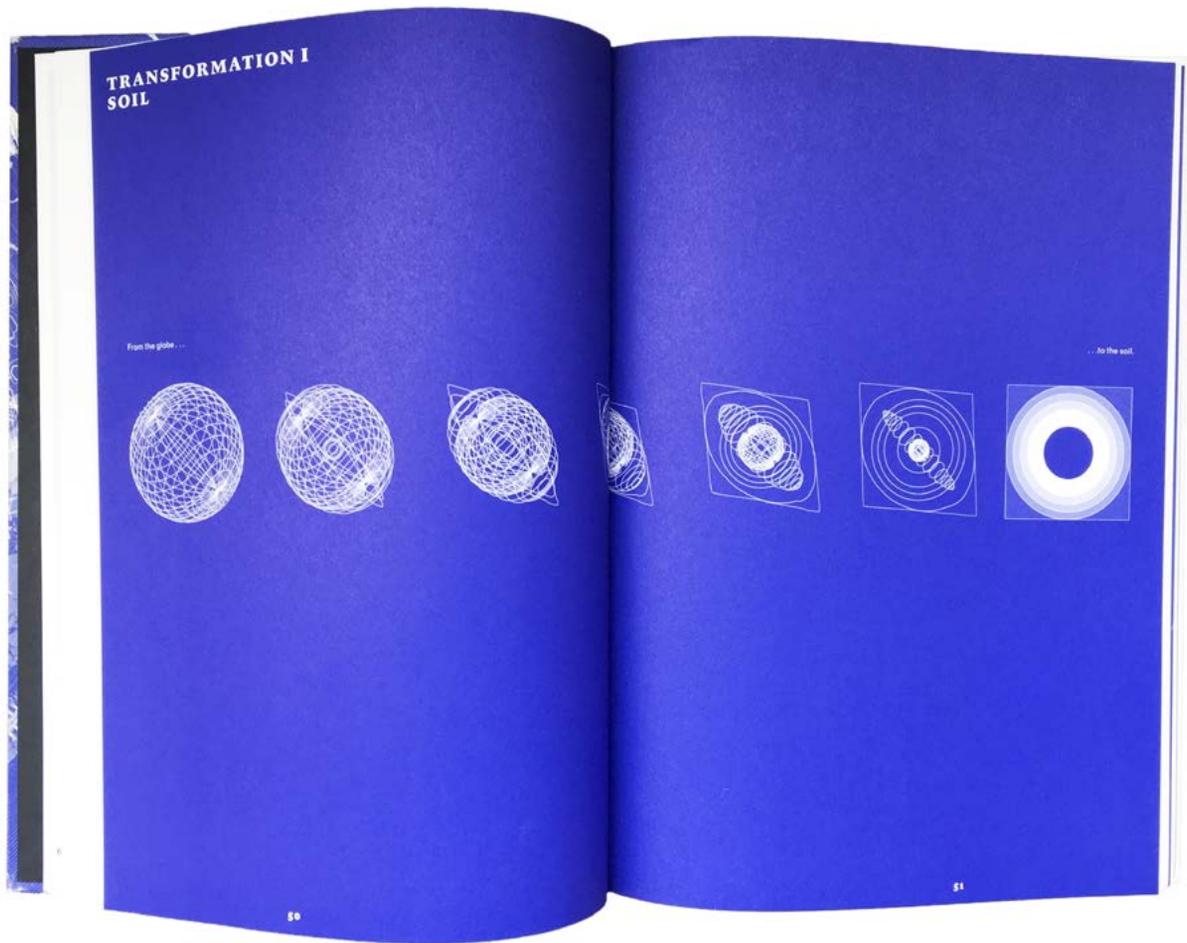


Impresso em duas cores e em papel de gramatura alta, e encadernado em capa dura, *Terra forma* é, portanto, um livro-ferramenta. Ele contém um prefácio de Latour, *How to fight about space* [Como lutar pelo espaço] e uma breve introdução das autoras intitulada *Living among the living* [Vivendo entre os vivos]. Seu conteúdo principal, no entanto, são as ilustrações e descrições do processo de elaboração de sete modelos ou “mapas vivos”, desenvolvidos em uma série de oficinas experimentais organizada pelas autoras. O conjunto de modelos contesta a perspectiva antropocêntrica, cujo regime de visualização – associado às imagens aéreas de satélites, do “olho de pássaro ou de Deus” – separa a “natureza” da “cultura” posicionando-a como pano de fundo passivo para a dominação e exploração por humanos. A relevância de *Terra forma*, contudo, vai mais além: está no gesto arriscado de representar a visão cosmopolítica, para a qual seres humanos e não humanos compõem um complexo espacial/temporal vivo e mutável. Esses seres não veem nem percebem a Terra da mesma maneira, mas moldam mundos mutualmente. Por isso, as novas representações não são propostas estáticas e sim moventes; indagam o que significa habitar um corpo celeste que não é passivo e inerte, mas andarilho e inquieto (de acordo, portanto, com a origem da palavra grega *planeta*, significando errante ou vagabundo). Mais do que construir uma realidade fixa, as visualizações cosmopolíticas se lançam ao pluriverso e à pluralidade ontológica do mundo.<sup>3</sup>

O título do livro sugere a característica ativa e inconstante inerente ao novo atlas: uma forma da Terra que se forma a si mesma, ao mesmo tempo que é moldada *com* humanos e outras entidades, em uma incessante instauração de estados provisórios do mundo. Logo, cartografia em *Terra forma* é experimentada como movimento desenfreado que busca traçar por onde a vida passa e se faz possível em sua potência, multiplicidade e variação no planeta. Outras palavras-conceitos surgem no livro para descrever esse movimento: *gaiagrafia* – em diálogo com a hipótese de Gaia feita na década de 1970 pelos cientistas James Lovelock e Lynn Margulis para sugerir a agência ativa da Terra e de todos os seres sobre ela – e *cosmografia* – a partir das ideias do historiador da ciência John Tresch sobre cosmogramas, dispositivos que materializam diferentes cosmologias ou visões de mundo.

---

<sup>3</sup> Autoras e autores têm trabalhado essas noções expressando variadas e renováveis maneiras de existir na Terra. Ver, por exemplo, Costa (2019).



**Figura 3**  
Imagem do mapa “Solo”  
(modelo 1)  
Do globo ao solo  
Foto Luiza Proença

Cada modelo foi concebido sob um novo ponto de vista – ou, como propõem as autoras a partir da filosofia de Emanuele Coccia, um *ponto de vida*, situado e corporificado – com o objetivo de produzir bases visuais nas quais entidades terrestres, seres visíveis e invisíveis, podem inscrever seus traços, movimentos e pulsações. Assim, são “mapas populados” voltados para a espessura, os estratos e as camadas do solo, em vez de territórios esvaziados e pautados por grades, topografias, fronteiras. Essa orientação pelo chão ou solo (modelo 1) corresponde à noção de zona crítica, outra referência conceitual inventada por geocientistas e adotada pelas autoras para descrever a fina, frágil e complexa camada que as mais variadas formas de vida coabitam e na qual

interagem e codependem uma das outras. “Se Galileu dirigiu seu telescópio para o céu, apontaremos o nosso para o solo, numa expedição vertical”<sup>4</sup> e puxada pela gravidade, para ver a Terra não como globo cristalino e aéreo, mas como húmus. “Nos encontramos no centro de um globo invertido que foi virado do avesso como uma luva”<sup>5</sup> (p. 33).

As autoras então indagam como rastrear os percursos, ritmos e afetos dos corpos animados que compõem a zona crítica (modelo 2), bem como seus cruzamentos e interações espaciais (modelo 3). Em seguida, substituem a imagem da fronteira como uma moldura fixa por uma representação visual metamórfica: a linha reta que divide o território é dobrada como uma fita de Möbius, em que interfaces passam a ser compartilhadas e negociadas (modelo 4). Já para representar visualmente tempos polirrítmicos e dessincronizados (modelo 5), em lugar do tempo linear, as cartógrafas-coreógrafas se inspiram na imagem da partitura musical.

Outro mapa trata da maneira como usamos a Terra (modelo 6), repudiando a visão que incita a exploração dos recursos de um território até seu esgotamento, quando esse é considerado um terreno baldio. O mapa sugere a imagem de um têxtil que indica e conecta “fontes dinâmicas” que devem ser compartilhadas e reutilizadas de maneira circular.

Ruínas e cidades-fantasma, visíveis e invisíveis, inspiram o último capítulo e modelo do livro (modelo 7), colocando questões sobre processos que poderiam tornar a vida possível nos terrenos abandonados. “A ideia não é mais apontar para as ruínas como Robert Smithson foi capaz de fazer, mas torná-las visíveis pelo desenvolvimento de outra cartografia”<sup>6</sup> (p. 174) – uma cartografia prospectiva que se vale de resíduos e fósseis do passado para fabricar futuros e devolver habitabilidade e forma aos lugares arruinados. Este último modelo aponta para a criação de uma coleção, arquivo ou biblioteca das ruínas, que seja “menos sobre a arqueologia do desastre do que a memória viva” do lugar<sup>7</sup> (p. 175).

<sup>4</sup> No original em inglês: *Whereas Galileo directed his telescope toward the heavens, we will point ours at the soil. Our expedition will be vertical.*

<sup>5</sup> No original em inglês: *By means of a thought experiment, we find ourselves at the core of an inverted globe, one that has been turned inside out like a glove.*

<sup>6</sup> No original em inglês: *The idea is no longer to highlight the ruins as Robert Smithson was able to do, but to make them visible through the development of another cartography, an invitation to explore a new terra incognita.*

<sup>7</sup> No original em inglês: *It is less about Reading the past and thinking about new foundations, less about the archeology of disaster than about living memory.*

*Terra forma* é livro para ser lido e consultado várias vezes. Como sugerido, é objeto-manual-ferramenta e um ser que é reanimado e reconfigurado a cada leitura, tal como pretendem seus mapas. Por inventar novas formas de representação, leva tempo para que usuários do livro se familiarizem com as propostas gráficas, produzidas a partir de técnicas de desenho e modelagem em arquitetura e com exemplos do continente europeu. Seu conteúdo parece ser atraente somente para especialistas da geografia ou do *design*, mas seu potencial está em afetar ampla e radicalmente o imaginário colonial-moderno-capitalista que predomina na sensibilidade humana do presente. O livro nos faz considerar a maneira como habitamos um território anteriormente à realização e organização de variadas atividades, seja a construção ou formação de uma instituição, uma floresta ou uma comunidade. Estimula a difusão da perspectiva cosmopolítica em todos os campos, começando pelo artístico.

Embora o livro ainda não tenha sido traduzido ao português, no Brasil ele reverbera nas práticas de artistas e pesquisadoras com o desejo de pensar os modos de perceber e representar a Terra, entendida como terra-chão. É o caso dos projetos Atlas do chão, concebido por Ana Luiza Nobre e David Sperling, e A fala da terra, desenvolvida por pesquisadores da licenciatura indígena da Universidade Federal do Acre (Mattos, 2019); das proposições da Oficina Planeta (2022), realizada no contexto do Campus Antropoceno Brasil; e da tese de Ligia Nobre (2019), que indaga como essa nova prática cartográfica ressoa com os cosmogramas dos povos autóctones e afrodiáspóricos nas Américas. Situado, corporificado e inacabável, o exercício especulativo da gaiagrafia pode ser, assim, uma base ético-estética para o desdobramento de qualquer intervenção social, econômica, política ou artística diante das emergências ambientais.

**Luiza Proença** é pesquisadora e curadora, doutoranda em filosofia pela PUC-Rio.

### Referências

COSTA, Alyne de Castro. *Cosmopolíticas da Terra: modos de existência e resistência no Antropoceno*. Tese (Doutorado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

MATTOS, Amilton Pelegrino. Os brancos ouvem a fala da terra? A escuta na pesquisa acadêmica indígena. *Eutomia*, Recife, v. 25, n. 1, p. 17-40, dez. 2019.

NOBRE, Ana Luiza; SPERLING, David. Atlas do chão. Disponível em: <https://www.atlasdochao.org/>. Acesso em 2 fev. 2023.

NOBRE, Ligia Velloso. *Terra-chão em movimento: ponto riscado, arte, ritual*. Tese (Doutorado em estética e história da arte). Universidade de São Paulo, 2019.

Oficina Planeta. In: *Campus Antropoceno Brasil*, 2022. Disponível em: <https://campusantropocenobrasil.com/oficinaplaneta/>. Acesso em 2 fev. 2023.

**Resenha submetida em março de 2023 e aprovado em maio de 2023.**

**Como citar:**

PROENÇA, Luiza. Cartografias potenciais: praticar visualização especulativa. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 29 n. 45, p. 473-480, jan.-jun. 2023. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n45.25>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.